

PM entra em choque com favelados em Brasília

Conflito deixa 20 moradores da área ocupada ilegalmente feridos e 50 pessoas presas, inclusive dois PMs, por violência

BRASÍLIA. Pela terceira vez este ano, tropas da Polícia Militar do Distrito Federal e moradores da Favela da Estrutural, na rodovia de mesmo nome que liga o Plano Piloto às cidades-satélites de Taguatinga e Ceilândia, entraram em choque por causa da ocupação irregular de área pública. O resultado de ontem: tiros, explosões, 50 presos (inclusive dois policiais militares, por uso de violência) e 20 feridos, três deles a bala. Até o fim da operação, que começou às 8h e foi até às 14h, mais duas pessoas foram feridas a bala: os moradores Carlos Henrique dos Santos e Antônio Carvalho Siqueira, este atingido no pescoço e levado às pressas para o Hospital de Base de Brasília, onde foi operado e se encontra em estado crítico. Um menor levou um tiro de bala de borracha nas nádegas.

Por mais de três horas, moradores e policiais usaram pedras, coquetéis Molotov, bolas de gude, rojões juninos, tiros e bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral. Os acessos à região foram fechados, obrigando uma multidão de moradores a percorrer mais de seis quilômetros a pé para conseguir pegar um ônibus e ir para o trabalho.

Governador quer acabar com comércio ilegal na favela

A Favela da Estrutural tornou-se o maior problema policial do Distrito Federal desde que, no fim de 1996, a presidente da Associação de Moradores, Marlene Mendes, aliou-se a deputados distritais que fazem oposição ao governador Cristóvam Buarque (PT).

No fim do conflito de ontem, quando o Batalhão de Choque da Polícia Militar estava se retirando, os moradores invadiram a pista da Estrutural e depredaram carros. A PM voltou, mas os moradores recuaram e evitaram novo confronto.

Há dois meses, Cristóvam co-



POLICIAIS MILITARES levam um morador preso durante a operação para fechar madeireiras clandestinas na Favela da Estrutural, no Distrito Federal, palco de conflito pela terceira vez este ano

meçou a tentar neutralizar o comércio ilegal na Estrutural, onde 15 mil pessoas vivem precariamente em quatro mil barracos. Com o apoio de deputados, como José Edmar Cordeiro (PMDB), Marlene vem conseguindo formar um exército de sem-teto para defender seus domínios.

Marlene era dona de uma das seis madeireiras clandestinas da Estrutural, que ontem foram derrubadas por funcionários da Novacap, órgão do Governo que controla a infra-estrutura do Distrito Federal. Para tentar enganar os funcionários do Governo, a

presidente da associação disfarçou a casa onde funcionava a madeireira pintando nas paredes o nome da igreja evangélica Assembléia de Deus. A operação foi feita sob uma chuva de pedras e bolas de gude atiradas com estilingues pelos moradores.

O Governo do Distrito Federal mandou 530 homens da Polícia Militar, que levaram cães e munição pesada, com o objetivo de garantir a segurança dos 36 fiscais da Secretaria de Fazenda que autuaram as madeireiras. O comandante da operação, coronel Augusto Willer, garantiu que os po-

liciais foram recebidos a tiros e que um deles teria atingido o ombro do tratorista da Novacap Agenor Moreira Franco.

— O comércio ilegal, principalmente o de material de construção, vem alimentando o crescimento da favela, onde as drogas e as armas se sobressaem — disse o coronel.

Para garantir a ação da Polícia Militar, o Governo do Distrito Federal enviou dois promotores públicos, o que acabou resultando num fato inédito: dois policiais militares foram presos em flagrante por estarem usando de

violência excessiva para imobilizar um dos moradores que foram presos.

O promotor que ordenou a prisão, Paulo Gomes de Souza Júnior, alegou que os dois policiais militares, o soldado Noé e o sargento Otoni, tinham dado “uns tapas a mais” num dos manifestantes detidos.

Alheia à destruição da própria loja, Marlene passou a comandar, de dentro de um carro de som, um foco de resistência na entrada da favela.

Criada em 1980 por catadores de lixo, a Favela da Estrutural é

considerada um barril de pólvora desde que há seis meses explodiu o primeiro conflito de policiais militares e moradores. Na época, oito pessoas ficaram feridas, entre elas um menino de 12 anos que perdeu um olho, atingido por uma bala de borracha.

No segundo confronto, há um mês, mais 12 feridos. Um deles foi uma mulher grávida, que, baleada, sobreviveu, mas perdeu o filho. Como a área é totalmente ilegal, Cristóvam pretende, até o ano que vem, retirar os moradores e transferi-los para uma área legalizada. ■